O TEAR INVESTIGATIVO E OS FIOS DISCURSIVOS DAS AMAZÔNIAS: uma análise autoral dos processos investigativos e formativos

Caroline Barroncas de Oliveira[1], Mônica de Oliveira Costa[2]

[1]Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática - REAMEC, pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, MT. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, AM. E-mail: carol_barroncas@yahoo.com.br
[2]Doutora em Educação em Ciências e Matemática, pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, MT. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, AM.

RESUMO
O objetivo central desta pesquisa é narrar o processo de constituição do ser pesquisador tendo como fio condutor as problematizações sobre a Amazônia que se pensa quando se assume a necessidade e importância de contemplar o que lhe é próprio, o que se diz a “cara da Amazônia”. É uma tentativa de desnaturalizar verdades sobre a Amazônia a partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais e de algumas ferramentas de Michel Foucault. A trama enunciativa que se apresenta é um recorte de um projeto institucional que investiga as ideias sobre a Amazônia dos professores da rede pública de Manaus e os atravessamentos dessas nos discursos midiático e literário. Aqui apresentamos a trajetória inicial da pesquisa pautada nos estudos teóricos e na análise da dispersão das Amazônias fabricadas, com a intenção de dar visibilidade para os (des)caminhos da investigação e os (des)ajustes que atenderam as escolhas filosóficas/políticas das autoras. Assim, mobilizamos a discussão sobre processos investigativos e formativos que se distanciem da reprodução, cópia e modelo e aproximem do diálogo, da problematização e invenção de outros modos de existência.
Palavras-chave: Processo investigativo. Discurso. Amazônia.

THE INVESTIGATIVE TEAR AND THE DISCURSIVE YARNS OF THE AMAZON: an authorial analysis of the investigative and formative processes

ABSTRACT
The main objective of this research is to narrate the process of constitution of the researcher having as a guiding thread the problematizations about the Amazon that one thinks when one assumes the necessity and importance of contemplating what is its own, what is said to be the "face of the Amazon ". It is an attempt to denaturalize truths about the Amazon from the theoretical perspective of Cultural Studies and some tools of Michel Foucault. The enunciative plot that is presented is a cut of an institutional project that investigates the ideas about Amazonia of the professors of the public network of Manaus and the crossings of these in the media and literary discourses. Here we present the initial trajectory of the research based on the theoretical studies and the analysis of the dispersion of the manufactured Amazonia, with the intention of giving visibility to the (dis) ways of the investigation and the (dis) adjustments that attended the philosophical / political choices of the authors. Thus, we mobilize the discussion about investigative and formative processes that distance themselves from reproduction, copy and model, and approach dialogue, problematization and the invention of other modes of existence.
Keywords: Investigative process. Speech. Amazon.

EL TEAR INVESTIGATIVO Y LOS HILOS DISCURSIVOS DE LAS AMAZONIAS: un análisis autoral de los procesos investigativos y formativos

RESUMEN

El objetivo central de esta investigación es narrar el proceso de constitución del ser investigador teniendo como hilo conductor las problematizaciones sobre la Amazonia que se piensa cuando se asume la necesidad e importancia de contemplar lo que le es propio, lo que se dice "la cara de la Amazonia". Es un intento de desnaturalizar verdades sobre la Amazonia desde la perspectiva teórica de los Estudios Culturales y de algunas herramientas de Michel Foucault. La trama enunciativa que se presenta es un recorte de un proyecto institucional que investiga las ideas sobre la Amazonia de los profesores de la red pública de Manaus y los atravesamientos de esas en los discursos mediático y literario. Aquí presentamos la trayectoria inicial de la investigación pautada en los estudios teóricos y en el análisis de la dispersión de las Amazonas fabricadas, con la intención de dar visibilidad a los (des) caminos de la investigación y los (des) ajustes que atendieron las elecciones filosóficas/políticas de las autoras. Así, movilizamos la discusión sobre procesos investigativos y formativos que se distancien de la reproducción, copia y modelo y aproximen el diálogo, de la problematización e invención de otros modos de existencia.

Palabras clave: Proceso de investigación. Discurso. Amazonas.

INTRODUÇÃO

> Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão
> tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. [...]
> Manuel de Barros

Imbuídos nos silêncios, incertezas e invenções reveladas no poema "o apanhador de desperdícios" e entre os fios, cores, tramas e entremeios, fazer, desfazer, refazer do ato investigativo, no qual vivenciamos pelo projeto institucional intitulado: "Reencantar a ciência, reinventar a docência: o que pensam e o que ensinam os professores sobre a Amazônia? Uma leitura por meio dos discursos midiáticos, literários e educacionais", que propomos dialogar sobre o nosso caminho enquanto professoras dos cursos de licenciaturas de uma universidade no Estado do Amazonas ao olhar sobre as ideias fabricadas de Amazônia presentes nos discursos midiáticos, literários e educacionais.

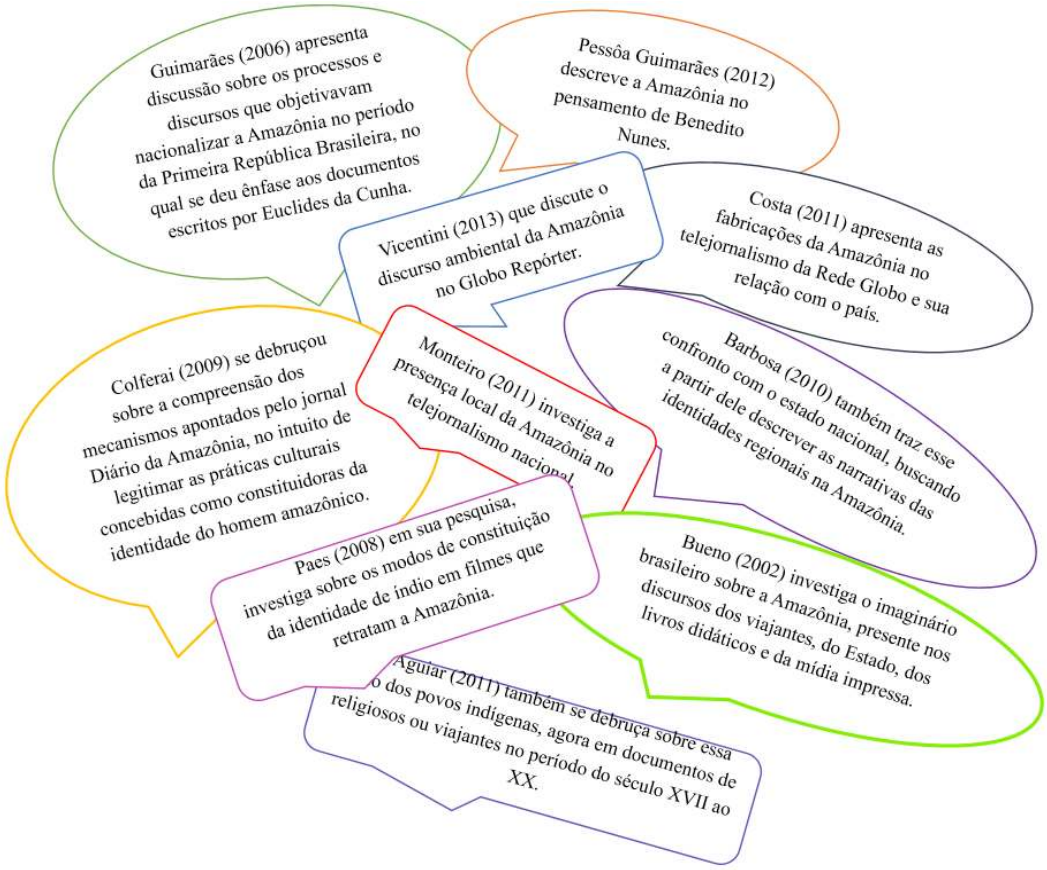
É muito comum ouvirmos os acadêmicos e/ou profissionais da área da educação reivindicando que se pense nas especificidades da Amazônia seja para os materiais didáticos, para os currículos, para as necessidades de alunos e professores, ou até mesmo para as características climáticas, econômicas, geográficas e tantas outras questões que se diz própria do contexto amazônico. Mas, percebemos que se continua afirmando a velha organização dos conhecimentos em uma base nacional comum a ser completada por uma parte diversificada ou que contemple as diversidades regionais e locais.

A partir desse contexto é que neste trabalho propomos pensar/refletir sobre o caminho investigativo que perpassamos enquanto professoras e pesquisadoras ao problematizar que Amazônia se pensa quando se assume a necessidade e importância de contemplar o que lhe é próprio, o que se diz a "cara da Amazônia", os modos como vem sendo formatada e naturalizada, tornada lugar comum em tantos discursos. Apontamos como produtiva a investigação dos modos como os profissionais da educação, em especial, os ditos amazônicos, a valorização de alguns aspectos que de tanto serem repetidos sem nenhuma problematização tornam-se verdades absolutas e inquestionáveis.

A Amazônia tem levantado interesses de pesquisas em todo o mundo, muitas vezes o desejo de estudá-la vem do fato de como é apresentada: uma terra de mistérios e lendas; a exuberância da floresta; o modo peculiar dos moradores, entre outros. Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais já existem alguns trabalhos com essa temática, dos quais podemos visualizá-los no emaranhado nada linear destas produções (BUENO, 2002; GUIMARÃES, 2006; COLFERAI, 2009; PAES, 2008; BARBOSA, 2010; AGUIAR, 2011; COSTA, 2011; MONTEIRO, 2011; PESSÔA GUIMARÃES, 2012; VICENTINI, 2013). Uma vez

que estes trabalhos dizem e produzem modos de ver sobre a Amazônia e os amazônidas, ou seja, revelam frestas para se investigar, principalmente, as relacionadas aos espaços da escola e da formação de professores.

Figura 01. Levantamento das produções que problematizam sobre a Amazônia na perspectiva dos Estudos Culturais.



Fonte: Próprias autoras (2019).

Diferentemente das produções demonstradas na figura acima, os trabalhos de Bonin (2007) e Freitas (2013) apresentam estreita relação com o universo escolar. O primeiro investiga as ideias dos alunos do ensino superior sobre povos indígenas. O segundo estuda sobre a percepção da Amazônia em estudantes do curso regular de ensino à distância do Colégio Militar de Manaus, enfatizando a questão da paisagem. Raras vezes se tem olhado para as questões do currículo escolar (e suas invenções sobre a floresta) que ainda é hoje um lugar privilegiado na construção de subjetividades consideradas "verdadeiras". Como enfatiza Hall (1997, p. 40-41):

> Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo a 'cultura'- na geração seguinte, na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as nações e as crenças das gerações futuras conforme os valores de normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade?

É nesse sentido que se estabelece esta pesquisa e sua necessidade no processo de desnaturalização e deslocamento das ideias fabricadas sobre a Amazônia. Especialmente, para nós professoras e pesquisadoras ditas

amazônidas e que, em muitos momentos, somos levadas a pensar que sabemos e temos uma ideia adequada para ver e dizer sobre a Amazônia nos currículos das escolas. Esse é entendido como central na produção de identidades e na condução da vida (PARAÍSO, 2014). É nessa produção de modos de ser que currículo, poder e saber estão intimamente relacionados, pois se o currículo é o saber materializado, o poder está inscrito nos seus territórios porque o poder não é algo de fora: ele é a força que determina o saber no interior do currículo. Paraíso (2007, p. 56) explica, "se o poder opera em conexão com a verdade e esta só existe em relações de poder, então todos os discursos podem ser vistos como parte de uma luta para construir as próprias versões de verdade".

Os currículos tais como temos discutido neste trabalho são ferramentas usadas para "modificar alguma coisa em alguém" (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 38). Quando olhamos para os currículos que dizem a "Amazônia verdadeira" ou que enquadram o "sujeito amazônico" podemos entender que a subjetivação está presente, pois definem o que se quer formar, ou seja, não é o sujeito que produz o currículo e sim este que fabrica modos de ser sujeito na Amazônia.

Portanto, o currículo é considerado como práticas de subjetivação que permitem a análise de como alguns conhecimentos são eleitos e vistos como válidos em detrimento de outros. Por seu intermédio, descrevemos as estratégias de normatizações e os comportamentos produzidos. O processo de subjetivação nas práticas curriculares de Ciências pode tornar-se um recurso importante para (en)formar as condutas sobre os modos certos de se ensinar sobre a Amazônia, por exemplo, como sinônimo de exuberância natural.

Durante o tecer investigativo pensamos sobre os aspectos metodológicos que orientariam a pesquisa, uma vez que a intencionalidade era de criar rotas que nos levem a outros caminhos e se distanciem do reconhecimento da existência de um caminho previamente traçado, aproximando de uma obstinada experimentação de rotas que produzem deslocamentos nos modos de olhar e narrar. Assim, adotamos no decorrer da pesquisa que a "metodologia" seria vista muito mais como movimento, indagação e problematização afastando-se como afirma Meyer e Paraíso (2014, p. 18) "daquilo que é rígido das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto".

Daí, a importância de mostrar como a rede histórica possibilita que um objeto apareça e não propriamente sua existência. Ainda olhando para essa particularidade podemos afirmar que os discursos têm função produtiva no que dizem, pois assumimos como pressuposto que eles formam os objetos de que falam, sendo assim, produzem as ideias de Amazônia que assumimos como nossas no exercício do professorar e do pesquisar.

Para tanto, Paraíso (2014) destaca as possibilidades de análise da realidade que é construída dentro das tramas discursivas: buscar estratégias de descrição/análise dos discursos com a intenção de mostrar suas tramas e relações históricas; analisar as relações de poder que impulsionam a produção desse discurso; problematizar com quais outros discursos ele se articula, se contrapõe e entra em conflito. Nesse contexto, assumimos que a verdade é uma invenção histórica: não existe o real, aquilo que a pesquisa precisa comprovar porque já se supõe saber pela vivência/proximidade com o tema investigado. Nos distanciamos de uma Amazônia verdadeira, conhecida pelos sujeitos ditos amazônicos.

É nesse sentido que Foucault (2008) problematiza o discurso e pensa que o deslocamento no entendimento deste é o de abandonar a ideia de conceituá-lo como um mero conjunto de signos. Explica Foucault (2008, p.56), "os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever". Nesse sentido, é mais interessante ler os discursos a partir de sua positividade e não procurar apontar as constâncias e as afirmativas que ele apresenta, muito menos as qualificações daqueles que produzem tais discursos. Veiga-Neto (2014, p. 97) destaca essa questão:

> Em termos metodológicos, pode-se dizer que aquilo que Foucault propõe não é organizar previamente os discursos que se quer analisar, nem tentar identificar sua lógica interna e algum suposto conteúdo de verdade que

> carregam, nem mesmo buscar neles uma essência original, remota, fundadora, tentando encontrar, nos não ditos dos discursos sob análise, um já-dito ancestral e oculto.

A partir da demarcação dos pressupostos que assumimos, passamos a problematizar o percurso investigativo por sua produtividade formativa de sermos professoras e pesquisadoras numa trajetória que mistura incertezas, promessas e deslocamentos. Nessa busca do movimento desnaturalizador de modos de ver, dizer e publicar sobre a Amazônia presente na escola e no processo formativo docente, que entonamos nossas vozes para o entrecruzamento dialógico a seguir.

COM A PALAVRA AS PROFESSORAS

> [...] trazer ao espaço público e acadêmico a trajetória dos anônimos que vêm das margens é um ato político e pedagógico.
> Marcos Reigota

Este texto narra tempos de deslocamentos e desconstruções acionados pelas leituras/discussões pós-estruturalistas que tomam a suspeição e a desconfiança de tudo que é dito natural, comum, normal, central. Das poucas 'certezas' que conseguimos assumir destacamos a ideia de fabricação a partir de discursos que delineiam e fixam as bordas conceituais das coisas. Isto porque colocamos em tensionamento as fabricações consideradas como descrições da realidade, invenções consideradas verdadeiras.

Instituímos modos de ver e dizer que tomam os objetos como ideia construída na cultura. Tais objetos, suas características, problemas, potencialidades são vistos dentro de um discurso que está num dado contexto histórico e é por este colocado em determinada ordem e posição.

Viver as idas e vindas de si fazer pesquisador, professor, artista, gente é uma experiência singular para não dizer conflitante. Um bordão que assumimos nesse processo é que *a única coisa permanente é a mudança.* Portanto, a pesquisa entendida em um processo de invenção de si, de modos de atuar na docência e na pesquisa passa pelas fabricações de olhar, sentir, ver e dizer sobre objetos discursivos, mas também na conquista de estabilidade profissional, no crescimento teórico-metodológico de estudos acadêmicos, na superação de limitações de saúde, em novas significações das relações com os que vivemos/amamos, na constituição de nós e laços de afetos entre tantas outras vidas.

Isso nos faz pensar sobre o significado de sermos professoras e pesquisadoras. Pois, questionamos: como a universidade reúne e ao mesmo tempo separa o tempo do professor (ensino) e o tempo do pesquisador (pesquisa), sem considerar os outros modos de ser que carregamos no dia-a-dia? Quando assumimos determinada perspectiva investigativa mostramos o modo de como olhamos a sala de aula, o ser professor, a pesquisa, a vida. É o mesmo que acontece ao pensarmos/planejarmos uma disciplina ou um curso, pois "um curso é algo que se faz (ou que se segue). Mas também é algo que alguém se dispõe a fazer (ou a seguir). [...] O que o professor faz quando inicia um curso não é apenas propor um caminho, mas também dispor uma maneira de começar a andar, de seguir em frente" (LARROSA, 2018, p.21). Ao olhar para a Amazônia de forma múltipla é a nossa forma de seguir em frente e, ao invés de propormos uma forma de caminhar e perceber, dispomos de (des)caminhos que nos possibilitam andar e desandar por múltiplas Amazônias que carregam muitos modos de ser e estar.

E tudo se deve muito a análise de que as pedagogias vistas como tradicionais não mais dão conta de satisfazer a educação do nosso tempo. Assim, esse diálogo expõe o que chamamos de *bastidores de um projeto/pesquisa,* ou seja, as escolhas e suas sustentações, os recortes, as montagens, sempre de forma interessada, para problematizar a Amazônia na mídia e literatura e as concepções que os professores carregam. O transcorrer do tempo e de cada momento da pesquisa (re)fizeram rotas de fuga/encontros, de modo que novas/antigas indagações pudessem ser reformuladas sob o embate do aprofundamento teórico nos trabalhos de Michel Foucault.

Em cada encontro nos deparávamos com muitos desencontros, principalmente, ao vislumbrarmos que uma dita Amazônia verdadeira era ecoada diante de outras que ali resistiam/existiam. O apagamento de outras

possibilidades de lógicas nos inquietava e ao mesmo tempo impulsionava ao processo de desnaturalização. Uma vez que, "a inquietude, contudo, começa no cérebro e mina nossa relação com o espaço, destruindo sua familiaridade e suas certezas, e convertendo-o em asfixiante" (LARROSA, 2016, p. 104).

Assim, falar sobre Amazônia e como ela se materializa nos discursos midiáticos e literários é como se tivéssemos tecendo caminhos e descaminhos de um grande cobertor, que nos orienta em momentos tradicionais do processo – o olhar do saber dominante, e que, ao mesmo tempo, nos desorienta e nos dá outras formas constituídas no desvelamento de outros ditos, tanto quando a reprodução/fabricação é proveniente das fissuras do caminho, quanto nos aparecem novas tramas e teias do processo – o desvelar. Essa tecitura de um processo de subjetivação é constituída pela legislação pertinente, as políticas públicas, as instituições, os cursos de graduação (especificamente os cursos de licenciaturas) e as salas de aula com suas experiências contidas e incontidas (na graduação e nas escolas). Isto é,

> [...] todo conceito, toda noção se esvanece, adquire novos componentes, se reordena. Por isso não há um conceito único que se amolde a uma única coisa. Toda noção possui um contorno irregular, heterogêneo, e sempre remete a outros conceitos em seu devir. Além disso, o pensamento científico, por mais que tentemos limitá-lo a uma rígida configuração, se entrelaça, sem operar uma síntese, às proposições e às percepções da filosofia e da arte (KNOBBE, 2014, p.82).

De acordo com o campo dos Estudos Culturais, temos compreendido a mídia como uma potente ferramenta de circulação de diferentes temáticas. Este meio de comunicação social é cada vez mais participativo em nossas vidas. Na atualidade, parece que se tornou difícil pensarmos, no nosso cotidiano, sem a presença das diferentes tecnologias da informação e da comunicação. Sabemos que

> [...] da era da industrialização à era da informatização, muitas foram as transformações operadas e continuamente naturalizadas no nosso cotidiano. Fez-se natural e desejável que estas novidades fizessem parte de nossas vidas, modificassem nossas percepções e nossos parâmetros, redimensionassem nossos objetivos, relativizassem nossos saberes e verdades (ROCHA, 2005, p. 20-21).

Desse modo, a mídia constitui-se como uma importante estratégia de proliferação de discursos nos mais diversos segmentos. Ela nos acompanha desde o momento em que acordamos, no nosso trabalho, quando vamos ao supermercado, no carro ou no ônibus. Nos diversos lugares que circulamos, a mídia, de algum modo, se faz presente. Nesse sentido, ela não apenas vem informando, mas nos ensinando determinados hábitos, valores e atitudes. Pensando no modo como a mídia aborda a Amazônia, é possível dizer que ela vem nos ensinando e nos formando para tais questões.

"Orgulho da Amazônia", "Amazonas faz ciência", "Amazônia, nosso maior patrimônio". Ao tomar a positividade desses lemas/slogans por uma dita banalidade, olhamos para o discurso literário que a um só tempo é produto e produtor da Amazônia. Não é uma questão de interpretação literária, "nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata; mas não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz" (FOUCAULT, 2008, p. 127). É um modo parecido com que Eça de Queirós em seu texto o Senhor Diabo, discute o viés da maldade e tragédia do diabo: não nega que o seja, mas afirma ser muito mais que isso, já que também ama.

A Amazônia produzida na literatura fala muitas línguas, tem diferentes sotaques, danças, variados ritmos, é composta de tantas cidades, tantas gentes, tantos lugares. Um fragmento dessa pluralidade palpita no poema "Exílio do pé quebrado" de Paulo Nunes, (2001, p.33):

> Minha terra tem açaizeiro/que um palmiteiro boliu/as mangueiras já não enfeitam/a catorze de abril. Minha terra é Ver-o-Peso/da Bahia do Guajará/Os periquitos daqui/não cantam como os de lá. Minha terra é curiosa/Tem caveira de sapo enterrado/A gente toca carimbo/só que escuta marujada. Que prazer encontro eu lá/nas manhãs de chuva fina a garoa vai brotando/feito xixi de menina. Não permita, minha Senhora,/ Santinha de amor e de fé/Que eu desmanche sem voltar/ao Círio de Nazaré.

A literatura tem como um dos seus ofícios trabalhar com o vir a ser, com o devir, com as posições periféricas. Mas também atua da fabricação daquilo que é comum, cotidiano, como a ideia de uma Amazônia que é floresta e dicotômica. Assim, podemos destacar as diferentes formas pelas quais a Amazônia é descrita por meio de binarismos: o inferno/paraíso verde**,** ou seja, ideias que constituem uma Amazônia pelos extremos, hiperbólica atravessada relação natureza e cultura. Milton Hatoum (2008, p.99) no conto 'A natureza ri da cultura", fala de uma suposta Amazônia exuberância natural e mítica narrada por personagem cientista:

> À primeira vista, a floresta parece uma linha escura além do rio Negro, disse ele. Não se consegue distinguir muita coisa. Mas no interior de tanta escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres vivos, expostos à luz e à sombra. A natureza é o que há de mais misterioso. [...] Para ele, a floresta era um mundo quase inverossímil, e por isso mesmo fascinante.

Essa Amazônia naturalizada na literatura atua da fabricação de uma descrição supostamente real (aquilo que se enxerga) e torna visíveis problemáticas ditas amazônidas. Como destaca Souza (2014, p. 30) "afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vitimada, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas [...]".

Esses e outros discursos são considerados como dispositivos, posto que ao instituírem regras anônimas vão determinando a natureza como o lugar explorado, mal usado e conservado e a nós como sujeitos que devemos cuidar, zelar, salvar, proteger e no máximo usar conscientemente esse espaço. Essa vendida preocupação com a preservação é um dos efeitos da ideia de que a natureza estaria a serviço do homem, pois a conservação dessa proporcionaria, em primeiro lugar, bem-estar ao homem. Assim a existência do ambiente protegido passa pela necessidade de mantê-lo intocado ou de ditar regras para seu uso.

O exercício do professorar e do pesquisar é, muitas vezes, atravessado por essas supostas necessidades, pois se diz necessário se pensar numa formação de professores contextualizada a essas questões, como se não houvesse outras exigências formativas para quem ocupa a posição de professor amazônida. Amorim (2012, p. 281-282) nos ajuda a explicar essa sensação de caos e abandono daquilo que está impregnado em nós: "O abandono (...) é o do corpo impresso na história, permitindo à superfície da imagem ecoar sonora e visualmente a batalha dos modos de educar fora da lógica das formas. Arrancar a imagem visual ao clichê nascente para arrancar a si próprio à ilustração e à narração nascentes".

Ao enunciado de que a natureza está em perigo se contrapõe outros enunciados que coexistem na fabricação da natureza como espaço explorado e devastado, ao mesmo tempo em que coloca o homem como protetor/salvador da natureza, mas também seu algoz. A preocupação com a preservação é justificada pela necessidade de manutenção de elementos como a água e o ar, que naturaliza a necessidade do cuidado com o espaço onde estão disponíveis,

pois caso contrário quem sofrerá as consequências é o homem. Como denuncia Charles Daniel na música Floresta Amazônia:

> **Nas matas, rios, Floresta Amazônica**, A natureza em meio à destruição**. O brilho do sol** não mais encanta, Em resposta a poluição. Vida, missão; amor é se unir, Para a Amazônia florir. **Nos igarapés, os peixes** são vis. A vida deve brotar neste chão. A natureza chora pela desmatação. Respeite os índios sem nação. O manto negro, um sonho no fim; **Seus filhos a Terra herdarão.** O pranto da mata chega até os céus, Dos olhos cegos de quem tudo vê. Os mapas da Terra se consumirão no fogo gerado pelas mãos.

Assim, se fala de uma natureza como um bem e, portanto, acima de qualquer interesse precisa ser cuidada, preservada, admirada e mantida. Carvalho (2008) destaca a ética como elemento indicado pela modernidade como a lente para olhar a relação homem e natureza e, não apenas a do campo ambiental, mas também a ética dos discursos religiosos, médico e outros que ampliam a capacidade de aplicação dos princípios éticos que defende o discurso ambiental. A autora afirma:

> Essa crença alimenta a utopia de uma relação *simétrica* entre os interesses das sociedades e os processos da natureza. Na perspectiva de uma ética ambiental, o respeito aos processos vitais e aos limites da capacidade de regeneração e suporte da natureza deveria ser balizador das decisões sociais e reorientador dos estilos de vida e hábitos coletivos e individuais (CARVALHO, 2008, p. 37).

O discurso ambiental ganha visibilidade para informar, formar e enformar a ideia de uma natureza e de um sujeito para com ela se relacionar e outros discursos assumem como seus as produções desse campo. Mas qual discurso está autorizado a falar sobre a Amazônia? Como se garante essa autorização de falar sobre a natureza ideal e dos comportamentos desejáveis do homem? Mas afinal, como podemos descrever a Amazônia? Incompletude, incerteza, indagação, outros pensamentos nos atravessam agora e como destaca Guimarães (2014, p. 87), "tudo que me atravessa', também me corta, me edita, me compõe, já neste instante, de outro modo".

Assim como as Amazônias que nos atravessam está o nosso devir enquanto professoras e pesquisadoras, trazendo a ideia de um (des)caminho permeado por multiplicidades, escapando a marca de um processo fixo e calcificado pelo tempo. Os encontros possibilitados nessa escrita têm o potencial de incentivar outros rastros de percurso investigativos e formativos ao longo de devir-pesquisadores/formadores, despertando aprendizagens por diálogo, problematização, invenção e outros modos de existir e resistir processos de conhecimento marcados pela reprodução e modelos.

PALAVRAS PARA UM ATÉ BREVE...

> Acordava ainda no escuro,
> como se ouvisse o sol
> chegando atrás das beiradas
> da noite. E logo sentava-se ao
> tear. Linha clara, para
> começar o dia. Delicado traço
> cor da luz, que ela ia
> passando entre os fios
> estendidos, enquanto lá fora
> a claridade da manhã
> desenhava o horizonte
> Marina Colasanti

Pensar o tear – o lugar do investigar/problematizar se constituindo como campo do saber ser e fazer; ou o tapete em si, a colcha, o lençol, as cortinas, compostos por ricas tecituras surgidas do complexo contexto educacional, ora fazendo, ora desfazendo, ora refazendo. À priori desenvolver o ato investigativo nestas tramas dos Estudos Culturais sobre as ideias de Amazônia presentes nos discursos midiáticos e literários, considerando os cursos cuja diretriz é a formação de professores, se constitui num todo complexo e diretivo, se constitui como componente curricular de relevante envergadura – lugar do currículo em que nós professoras (tecelãs) voltamos a

rememorar a forma de fazê-lo, de tecê-lo, elaborarmos e planejarmos cada etapa a ser pensada, problematizada e desconfiada. Como explica Guimarães Rosa (2006), o mais importante e bonito que podemos considerar é que as pessoas não são iguais e que ainda não estão terminadas, elas sempre vão mudando.

No entanto, a cada vez que retomamos que sentamos ao tear para tecê-lo e verificamos seu ofício mediante os enunciados latentes o processo se apresenta de formas diversas, pois as linhas (as escolas), as cores (o contexto histórico, político, econômico, social e cultural) e os pontos, tramas e meandros (enunciados discursivos midiáticos, literários e educacionais), não são os mesmos. Foucault (2008, p. 95) também ajuda a explicar o modo de construção desse texto: "não procuramos, pois, passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante, da multiplicidade à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do discurso".

É neste contexto que as tecelãs formadoras usam o fio condutor que é a pesquisa, para reiniciar a trama das compreensões e das ações. A pesquisa conduz a compreensões epistemológicas sobre discursos, subjetivações, saber e poder, enquanto caminho da experiência, das ações direcionadas e específicas, enquanto caminho de produtividade que desencadeia a amostragem do fazer da arte – as produções criativas e problematizadoras como cortina que descortina o processo do qual estamos tecendo. O surgimento da arte junto ao teçume – as tramas discursivas sobre a Amazônia – constituiu-se num processo diferenciado por evidenciar a preocupação em não delinear, marcadamente, a interface "Currículo e Escola", ou seja, concentrar esforços no sentido de: em que pontos a rede discursiva sobre ideias de Amazônia dos professores participantes da pesquisa retratam a produtividade midiática e literária?

Para início de conversa, percebe-se que tecer era tudo que as tecelãs querem fazer, pois a provocação lançada está em constante geração de novas tramas e entremeios no acabamento de cada peça elaborada (cada estudo, produção, inquietação), ao passo que, conforme cada processo e retrocesso, escolhas e retornos foram desfeitos e refeitos. Com o diálogo constituído por nós professoras o fazer investigativo é um eterno *continuum* mediante a dinâmica da vida, que se refaz a cada tempo e mudança de espaços, pensamentos e necessidades, tendo o foco nos desperdícios dos ditos produzidos sobre uma Amazônia que vivemos e somos. Assim, queremos deixar um até breve com Manoel de Barros ao nos dizer: "Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos, como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato, de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios".

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Narrativas sobre povos indígenas na Amazônia.** 2011. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Imagem-Escola. In: LIBÂNEO, José Carlos e ALVES, Nilda (Org.). **Temas de Pedagogia**: Diálogos Entre Didática e Currículo. São Paulo: Cortez, 2012. p. 264-283.

BARBOSA, Mário Médice. **Entre a filha enjeitada e o paraensismo:** as narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense. 2014. 477 f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas... quais narrativas contam em práticas pedagógicas?** 2007. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia:** uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. 2002. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. **Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. esp., p. 46-55, dez. 2008.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e identidade na Amazônia:** as práticas culturais

legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. 2009. 198f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA, Vânia Maria Torres. **À sombra da floresta:** os sujeitos amazônicos entre o estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Como lidar com os pensamentos passageiros que nos atravessam**. Revista Linha Mestra**. n. 24., Jan-Jul, 2014.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Um olhar nacional sobre a Amazônia:** apreendendo a floresta em textos de Euclides da Cunha. 2006. 265f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 22, v. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

KNOBBE, M.M. **O que é compreender?:** viajando com Gulliver por velhos e novos mundos...São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê:** sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 5.ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREITAS, Ricardo Martins de. **A percepção da paisagem amazônica pelos alunos do ensino regular da Educação a Distância.** 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. (Coleção Pensar a educação).

MONTEIRO, Glauce Cristhiane da Silva. **Amazônia na TV:** a presença local no telejornalismo nacional. 2011. 194f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do desenvolvimento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

NUNES, Paulo. **Poesia do Grão Pará**. Graphia, 2001.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Representações cinematográficas "ensinando" sobre o índio brasileiro:** selvagem e herói nas tramas do império [manuscrito]. 2008. 154f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa:** poder, saber e subjetivação, Chapecó: Argus, 2007.

PESSÔA GUIMARÃES, Maria Stella Faciola. **Um olhar atrás da escrita:** o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável em Trópicos Úmidos) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia:** nada fora do controle. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão:** veredas. Belo Horizonte: Secretaria do Estado de Minas Gerais, 2006.

SOUSA, Márcio. Amazônia, regional e universal. IN: BASTOS, Élide Rugai. PINTO, Renan Freitas. **Vozes da Amazônia II.** Manaus: Valer, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VICENTINI, Juliana de Oliveira. **O discurso ambiental da TV:** a Amazônia do "Globo Repórter". 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Submetido: 14/03/2019
Correções obrigatórias: 19/04/2019
Aceite final: 28/04/2019